

# WOOD

ARCHITECTURE NOW!

*Arquitectura hoy MADERA  
Architettura oggi LEGNO  
Arquitectura dos nossos dias MADEIRA*

*Philip Jodidio*

TASCHEN

20  
 Appleton & Domingos,  
 Treehouse System, Azambuja,  
 Portugal, 2008–09



20

peçoas que se podem reunir neste espaço. Embora a arquitectura religiosa se tenha apoiado bastante e com frequência no ornamento ou no desenvolvimento complexo de efeitos espaciais, estas pequenas estruturas, privadas de todos os pormenores supérfluos, testemunham um certo regresso aos valores fundamentais – tanto na forma como na função.

Beatriz Meyer, nascida em São Paulo em 1977, é uma colaboradora do arquitecto Marcio Kogan, mas projectou várias estruturas sozinha, como a capela de madeira de Tatuí (São Paulo, Brasil, 2006, página 310). Constituída por pouco mais do que uma cobertura inclinada com paredes totalmente envidraçadas em três lados, a capela utiliza pedra na parede atrás do altar e materiais mais sofisticados, como uma membrana de impermeabilização Alwitra na cobertura. Todavia, a impressão geral aqui é a de uma grande simplicidade e elegância. As árvores próximas sublinham a impressão de uma capela na floresta, regressando de certo modo às origens do lugar de culto em vários sentidos.

Embora não seja uma estrutura religiosa, a plataforma de observação de Pinohuacho de Rodrigo Sheward (Pinohuacho, Villarrica, Chile, 2006, página 374) encoraja sem dúvida a meditação. Situada no meio de uma antiga zona de exploração de madeira, faz parte de uma tentativa para pensar sobre os danos provocados por um corte de árvores indiscriminado. Construída com madeira que sobrou do derrube das árvores, em grande parte por um trabalhador que foi membro da equipa que destruiu a floresta, a plataforma de observação, com 78 m<sup>2</sup> e um custo de apenas 3.000 dólares, fica em frente do vulcão Villarrica. Nascido em 1979, Sheward, como os outros arquitectos aqui citados, todos com menos de 40 anos de idade, parece ter considerado o apelo da floresta, passado ou presente, corporizado na madeira, um motivo de meditação digno e a necessidade de construir de novo.

### CHOVA OU FAÇA SOL

As casas são claramente uma das áreas de investigação mais férteis para os arquitectos que hoje em dia utilizam a madeira. Embora as estruturas de maior escala possam, sem dúvida, ser construídas em madeira, a arquitectura habitacional, geralmente de pequena escala, torna o material atraente sob muitos pontos de vista. Estes incluem os benefícios ecológicos evidentes da madeira adequadamente cortada e transportada, a relativa facilidade do trabalho em madeira em contraste com os processos mecânicos exigidos para o metal ou para outros materiais de construção e muito simplesmente a sensação acolhedora que a madeira confere de modo natural aos usos exteriores e interiores.

A Jular é uma empresa com sede na Azambuja, próximo de Lisboa, em Portugal, especializada em habitações modulares sustentáveis em madeira. Embora as casas móveis não pareçam muitas vezes ser compatíveis com um bom projecto, o sistema *Treehouse* (Azambuja, Portugal, 2008–2009, página 35), desenvolvido aqui com os arquitectos João Appleton e Isabel Domingos, é simultaneamente atraente e prático. Os módulos de 3,3 x 6,6 m do sistema *Treehouse* podem ser montados de várias maneiras diferentes, o que permite a construção de espaços de habitar modestos ou de maiores dimensões. Com um preço de 900 euros por metro quadrado, o sistema também é razoável do ponto de vista económico. Criado com aberturas reduzidas para que as estruturas se adequem bem ao clima mediterrânico, o sistema



21

21

Nic Lehoux and Jacqueline Darjes, *The Lillypad, Point Roberts, Washington, USA, 2008–09*

*Treehouse* insere a madeira nas áreas da arquitectura modular e móvel de uma forma bastante convincente. A Jular refere que poderão ter existido no passado casas deste tipo, mas que não eram concebidas para climas como o de Portugal (que fica no Atlântico, mas que também sofre a influência da corrente do Golfo) ou o de países mediterrânicos desde a Espanha à Grécia.

Não sendo nem móvel nem modesta, a casa RW (Búzios, Rio de Janeiro, Brasil, 2006-2009, página 100) mede nada mais, nada menos do que 4.900 m<sup>2</sup>. Baixa e projectada com uma forma em H, a casa ergue-se 50 cm acima do terreno que fica próximo da praia. Apesar do luxo evidente que uma habitação desta natureza envolve, os arquitectos, Bernardes + Jacobsen, utilizaram na estrutura madeira de eucalipto laminada, sem tratamento, proveniente de zonas reflorestadas. A ventilação natural também realça a proximidade da casa com o seu cenário e reduz o consumo de energia. De uma capela com 21 m<sup>2</sup> a uma casa com 4.900 m<sup>2</sup>, parece que a madeira é o material eleito, um facto que também serve para reconciliar a modernidade com a sensação de bem-estar que a madeira transmite, mesmo quando é assente de forma geométrica. Pode dizer-se, neste caso, que os arquitectos, conhecidos por casas enormes e luxuosas entre outros tipos de projectos, tiraram o melhor partido de algo que, na sua essência, não pode ser considerado uma obra «verde». Sem qualquer tipo de preconceito contra os clientes ricos, é difícil imaginar uma casa com 4.900 m<sup>2</sup> que seja ecologicamente responsável no seu conjunto, quer se utilize ou não a madeira.

#### MAS O QUE ERA DE MADEIRA DOBROU-SE E FICOU

Marco Casagrande, nascido em 1971 em Turku, Finlândia, diz que uma ruína surge quando alguma coisa «feita pelo homem se torna parte da natureza. Pretendo», diz ele, «conceber ruínas». A sua pequena (62 m<sup>2</sup>) casa Chen (Sanjhih, Taipé, Taiwan, 2007-2008, página 138) foi construída em mogno e betão. Mais do que uma ruína, esta casa parece um lugar para desafiar os elementos. Na verdade, o terreno nas montanhas de Datun está sujeito a inundações, tufões e sismos. As tábuas de madeira deixam que as brisas arrefeçam o interior e no Inverno utiliza-se uma lareira para aquecimento. Este não é, sem dúvida, um projecto sofisticado no sentido habitual do termo, mas há uma precisão tosca no projecto de Marco Casagrande que quase o torna um símbolo de tempos difíceis, com a madeira a servir de sustentáculo à sobrevivência. O arquitecto cita um pequeno poema chamado «Ferro», de Bertolt Brecht (1898-1956) que se pode aplicar sem dificuldade a este projecto: «No sonho esta noite, vi um grande temporal. Ele atingiu os andaimes. Destruiu as vigas feitas, as de ferro. Mas o que era de madeira dobrou-se e ficou».

Nicolás del Río (nascido em 1975) e Max Núñez (nascido em 1976) em Santiago (dRN Architects) estão habituados a condições rigorosas nos locais onde constroem – alguns dos seus edifícios (Skibox, de 2006, cabana de montanha C6, de 2006, e cabana de montanha C7, de 2008, todos em Portillo, no Chile) foram construídos a uma altitude de cerca de 2.800 m acima do nível do mar. A casa La Baronia (Quintero, Valparaíso, Chile, 2009, página 172) não fica a uma tão grande altitude, mas situa-se numa colina em frente ao mar. Devido ao poder corrosivo do sal transportado pelas ondas, os arquitectos escolheram aço Corten pré-oxidado e vidro para fazer frente à sua fúria. Mas no interior a casa é formada por estruturas de madeira aparafusadas. Constituída por um esqueleto de madeira com uma pele de aço, a casa Baronia demonstra a atracção da madeira como material estrutural, mesmo em circunstâncias climáticas extremas. O dRN é um dos mais

criati  
usado  
espéc

Desig  
ção ir  
«Espe  
é uma  
sido u  
Dito is  
Pesqu  
verdad

de vist  
tas qu  
subjac  
constru  
dos uti  
das ori  
de proc

arquitec  
ra, as ja  
pelas su  
para ou  
te os ú  
materia